

ORYYAI

o brinquedo dos **CURUMINS**



Texto
Paula Giannini

Ilustrações
Surian Barone



ORYAI

o brinquedo dos CURUMINS





APRESENTAÇÃO

Em um mundo a cada dia mais individualista, consumista e digitalizado, entendo como urgente encontrar soluções lúdicas que enriqueçam o repertório não apenas das crianças, mas de jovens e adultos. Dentre tantos rituais dos quais os povos indígenas dispõem, da tradição à tecnologia, as narrações, histórias e brincadeiras — independentemente das mudanças de hábitos do mundo — permanecem efetivas, conduzem ao lazer e unificam sorrisos de diferentes gerações.

Exatamente como o pássaro de plumas brancas da lenda narrada na obra, somos convidados a sobrevoar — de maneira imagética, divertida e envolvente — diversos territórios indígenas, onde encontramos nossa ancestralidade através de cada brincadeira. Descobrimos as belezas de nossas raízes e histórias da tradição oral, similares e singulares, dos muitos povos deste país continental chamado Brasil.

Esta é uma obra que consegue unir toda a família em torno dos jogos e desafios. Além disso, descoloniza não apenas nossos olhares sobre a cultura indígena, mas também nossos pensamentos e palavras do dia a dia. Sobretudo, transforma a maneira como entendemos um ritual fundamental para o desenvolvimento das crianças e a manutenção do bem-estar dos adultos: o brincar.

Boa leitura!

Thiery Maciel

Pesquisador e artista indígena batizado no território de Tenondé Porã

Palco das Letras
palcoproducoes@hotmail.com
(11)982497839 – (41)999815273
@palcociadeteatro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giannini, Paula
Oryai : o brinquedo dos curumins / Paula Giannini
; ilustração Surian Barone. -- 1. ed. -- São Paulo :
Palco Cia de Teatro, 2024.

ISBN 978-65-980087-1-0

1. Brincadeiras infantis 2. Cultura indígena -
Literatura infantojuvenil 3. Dramaturgia 4. Povos
indígenas - Literatura infantojuvenil I. Barone,
Surian. II. Título.

24-204673

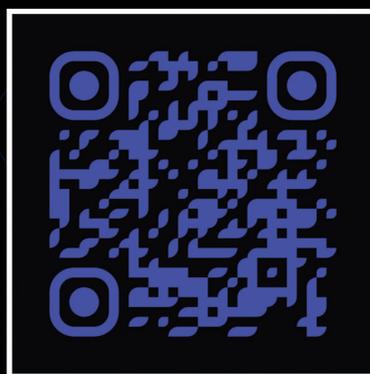
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Diagramação de Gabriel Barone



Material digital acessível

Esta é uma obra de ficção, sem compromisso com a realidade. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência. Todo o conteúdo é de responsabilidade exclusiva da Palco das Letras. Todos os direitos reservados para Palco das Letras - Palco Cia. de Teatro. e Teatron Produções.



Prólogo

(Palco escuro)

(Música: sons de floresta, assobios e crianças brincando)

Avó — Conta uma antiga lenda de um antigo povo indígena que, em um dia não muito distante deste dia que hoje é nosso dia, no começo do fim do mundo, um majestoso pássaro de plumas brancas alçará voo. E do céu todos os outros pássaros cairão. Nesse mesmo dia, os peixes saltarão das águas e as estrelas todas se apagarão. Não porque estrelas não existirão mais... É que uma fumaça tão densa como a noite terá cegado nossos olhos, e sobre a Terra não se enxergarão mais povos indígenas, pássaros, plantas ou animais. Conta essa lenda, muito antes dos dias que hoje conhecemos como hoje, que o majestoso pássaro de plumas brancas partirá do centro do universo e seguirá voando, dias e noites sem parar, à procura de um paraíso para pousar. Nesse paraíso existirão homens e mulheres que aprenderão a cuidar de seu mundo novo como cuidava o antigo povo de Pindorama. Diz a lenda que, ao raiar do sétimo dia, o pássaro avistará ao longe uma vasta terra, onde haverá crianças de todas as etnias brincando juntas.



Neto — E do que brincam as crianças, grande avó? De que brincam as crianças no fim do mundo?

Avó — Sendo crianças e sabendo sonhar, não perceberão que o mundo se acabou. E brincarão de gavião, alegremente, a correr na árvore da vida desenhada na areia. O pássaro pousará no paraíso já quase sem forças, e com suas asas formará praias de areias brancas como o sal, e as águas de suas lágrimas formarão mares, rios e oceanos. Nesse mesmo dia, um imenso arco-íris surgirá no céu, lembrando aos novos homens que somos todos iguais: indígenas, animais, plantas e minerais. Todos iguais. Todos.

Neto — E onde será, avó? Onde será esse grande e belo lugar?

Avó — No lugar do coração do pássaro, a terra será aberta, formando uma profunda depressão que as águas do mar invadirão, reservando seu centro para uma ilha que será a rainha de todas as outras. Kirymuré para nós, indígenas. Pindorama, Terra de Santa Cruz, Ilha de Vera Cruz e finalmente...

Neto — Brasil.



(Durante a narração, os atores brincam de gavião – brincadeira da etnia dos Kalapalos)

Cena 1

(A luz volta aos poucos — apenas a lua, uma luminária no quarto da menina, ilumina o placo)

(Só então percebemos a menina, ela dorme em sua cama. Do outro lado há uma mesinha, e sobre ela, uma caixa de presente. Dentro da caixa, o público ainda não sabe, há um boneco indígena)



(O tempo passa, e o boneco se inquieta dentro da caixa. A menina ouve, olha, nada vê. Volta a dormir)

(O boneco se empolga. A caixa se move. Dentro dela, ouve-se um canto baixinho: é uma canção indígena)

(A menina vai até a caixa e encosta o ouvido)

Menina — (lendo) “Para a menina. Só abra quando completar 13 anos.” Que dia é hoje? (olha em seu celular) Ainda faltam 3 dias. (volta a ler) “Só abra quando estiver sozinha. Não solitária, mas so-zi-nha!” Nossa! Que tipo de pessoa escreve uma coisa dessa? (lendo) “Só abra se sentir em seu coração o chamado do mundo das pessoas grandes.” Quê? Mas o que é isso? Quem colocou aqui este presente estranho? (lendo) “Este lado para cima”.

(A menina arruma a caixa na posição indicada)

Boneco — (de dentro da caixa) Ui!

(A menina se assusta, mas toma coragem e toca a caixa de leve)

Boneco — Uiiiiiiii!!!

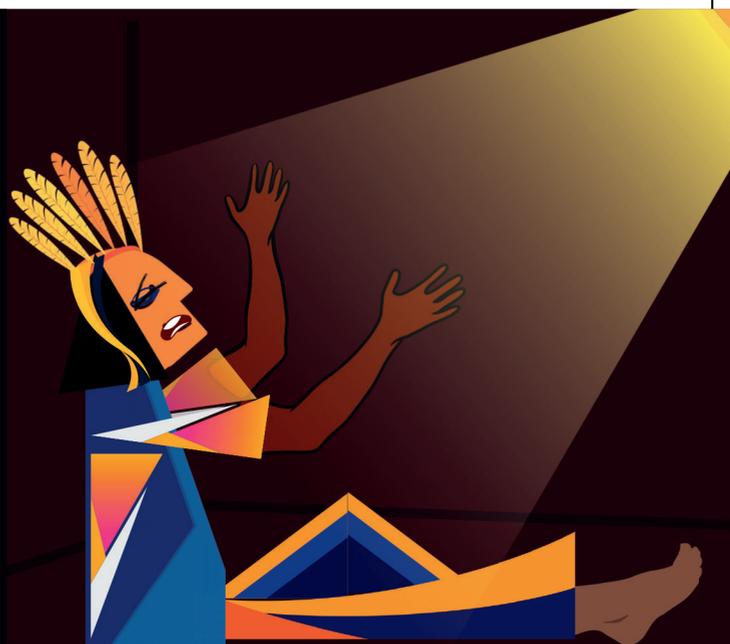
(Grande susto. A menina volta a tomar coragem e a se aproximar do presente. Ela rasga um pedacinho do papel que envolve o pacote e espia)

(Música indígena escapa de dentro da caixa)



Menina — Ora... Está escuro... Quem sabe se eu iluminar aqui só um pouquinho...

(Cuidadosamente, através do local rasgado, a menina ilumina o interior da caixa com a lanterna do celular, porém, um pedaço maior do papel se rasga, revelando o boneco indígena)



Boneco — “Orube” aniversário.

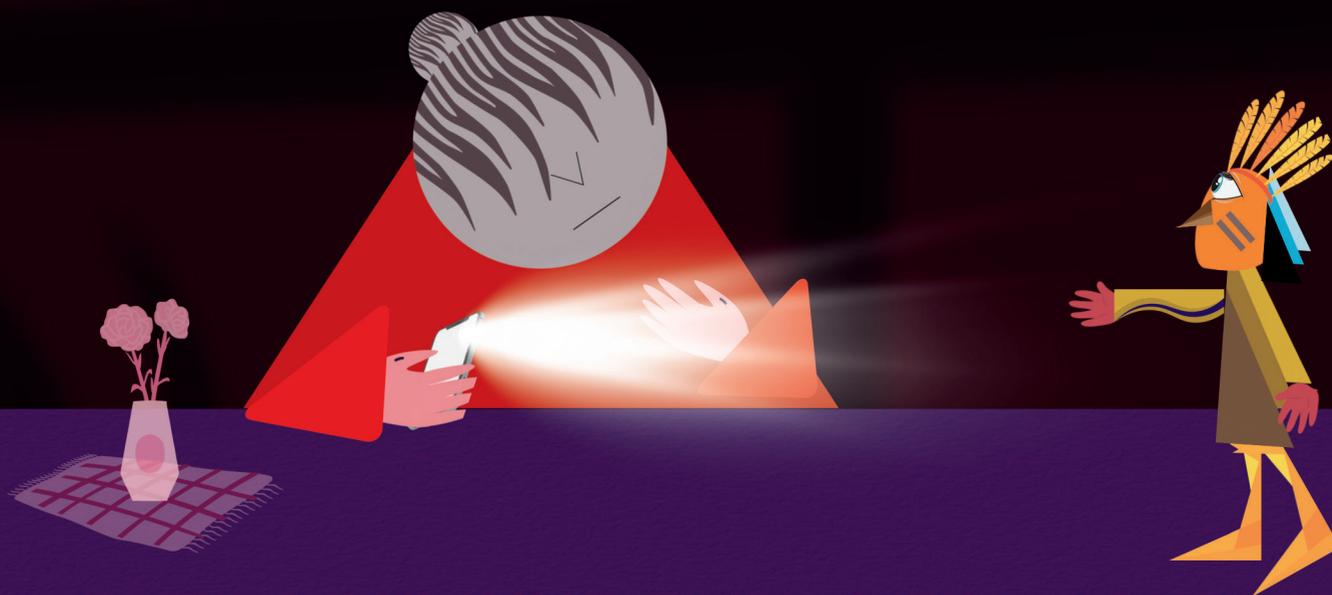
Menina — O quê?

Boneco — Feliz aniversário! Não é assim que vocês dizem?

Menina — Não, hoje não. Oh, meu Deus, abri a caixa antes da hora. Eu... o que eu faço? (tenta ajeitar o papel) Vou levar uma bronca daquelas.

Boneco — A anciã me disse que vocês da cidade grande são muito apressados.

Menina — Não, eu... eu... (para si) Vou levar uma bronca enorme.



Boneco — Ter pressa não é bom. Se você não espera, vai comer verdes as mangas, e isso não é nada bom. Nada, nada bom... manga verde dá dor de barriga.

Menina — O que é você? Inteligência artificial? Um androide? Um robô? Sinceramente, eu preferia algo menos infantil, algo virtual. Minha nossa! Não tem baterias, ou pilhas, ou...

Boneco — Quantos anos você faz hoje?

Menina — Não é tão inteligente como pensei... meu aniversário é daqui a três dias, eu já disse.

Boneco — Hummm, isso não é nada bom. Bem que a anciã me avisou. Vocês, pessoas da floresta de pedras, são muito apressadas. Ter pressa não é bom.

Menina — Eu não gosto de mangas.

Boneco — Não, nada bom. Ter pressa faz você pescar os peixes antes de sua hora. Nada bom, você pesca peixes pequenos, os peixes pequenos não crescem a tempo de ter filhotes, e logo o rio estará como um grande deserto.

Menina — Vazio?

Boneco — Não, seco. Sem falar que peixe pequeno não enche barriga.

Menina — Não entendi. Por que o rio seca se o peixe não tiver peixinhos?



Boneco — Nossa, bem que a grande avó avisou que vocês, da...

Menina — (interrompendo) Têm muita pressa?

Boneco — Não. São meio lentos aqui, olha. (aponta para a cabeça)

Menina — Afff...

Boneco — E aqui, olha, no coração.

Menina — Hoje é o meu dia!

Boneco — Não, é só daqui a três dias!!! Se você fosse de minha etnia, não teria tanta pressa. Se você fosse Tikuna, ao completar 13 anos, entraria na mata sem ser percebida, e deixaria um adorno marcando o local onde se escondeu... E então, em seu esconderijo na mata, você começaria a bater dois pedaços de madeira, um contra o outro, até que sua mãe percebesse o que está acontecendo...

Menina — Minha mãe não perceberia...

Boneco — Sua mãe Tikuna iria perceber. Oh, sim, ela perceberia... E iria ao seu encontro para levá-la para casa.

Menina — Isso seria incrível...

Boneco — Onde você passaria longas semanas sem sair, nem para tomar banho de rio.

Menina — Bizarro...



Boneco — Não... é o ritual! Quando finalmente você saísse de sua oca, seria recebida com a Festa da Moça Nova. Nesse dia, nós, os curumins, os meninos, colocamos máscaras, dançamos e cantamos por dias inteiros.

Menina — Que lindo!

Boneco — A festa termina com as mulheres mais velhas arrancando os cabelos das novas moças.... Por isso estou aqui hoje!

Menina — (assustada) Para arrancar os meus cabelos?

Boneco — Oh, Grande Tupã, isso vai ser mais difícil do que eu pensei... Claro que não. Eu vim aqui para buscar você!

Menina — Para... para... para me levar para a Festa da Moça Nova?

Boneco — Você por acaso é indígena?

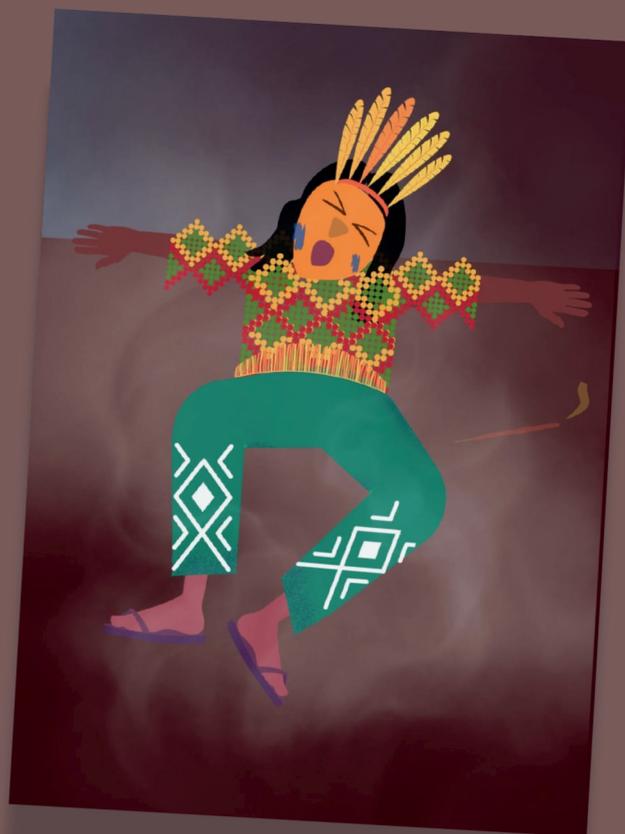
Menina — Não... não que eu saiba, pelo menos.

Boneco — Então por que iria para a Festa da Moça Nova? Vim para guardar a grande chama. Vim porque é hora de começar o grande jogo.

Menina — Para você tudo é grande?

Boneco — Não, não, nem tudo, está faltando só uma coisinha...

(O boneco assopra uma espécie de paina, espirra e cai para trás)
(Música. Passagem de tempo)



Menina — Ei, cadê você? Oh, meu Deus, acho que acordei desse sonho louco. Sonhei que um indígena, estranho e pequeno como um boneco, falava comigo e queria arrancar todos os meus cabelos.

(O indígena — Yakecan — surge. Agora, ele está grande como a menina. Transformado. Ele traz uma cuia com tinta e uma vareta para pintura ritual)
(Menina e indígena se olham nos olhos e ambos se assustam)

Menina — (grita) Ahhhhhhhhhhh...

Yakecan — Ahhhhhh...

Menina — Oh, minha nossa!!! Como você ficou tão grande?

Yakecan — Oh, nossa digo eu! Você me trouxe para o seu mundo, que grande honra, fico muito agradecido!

Menina — Ora, eu...

Yakecan — Não vai me dar boas-vindas?!

Menina — Você está... eu não... eu... como você fez isso?

Yakecan — Não fui eu. Foi você!

Menina — Eu? Eu não fiz nada, juro, não fui eu. Eu juro.

Yakecan — Sim, você fez! Você aceitou as Regras do Jogo da Vida. Você falou as palavras mágicas e acaba de entrar no jogo.

Menina — Jogo? Que jogo?

Yakecan — Você falou: para você tudo é grande!



Menina — Não, isso foi uma pergunta... eu...

Yakecan — Bom, você falou as palavras mágicas e agora eu e você somos as peças do jogo. Agora repita comigo: Seja bem-vindo. *Tereguahê porãke*.

Menina — Não estou entendendo nada.

Yakecan — (pede silêncio) Xiiii... *Tereguahê porãke*.

Menina — Tá bom... *Tere...*

Yakecan — ... *guahê*.

Menina — ... *guahê... tereguahê...*

Yakecan — *Porãke*.

Menina — *Tereguahê porãke!* Seja bem-vindo!

Yakecan — Obrigado.

Menina — *Tereguahê porãke*. É bonito...

Yakecan — (volta a pedir silêncio) Silêncio...

Menina — Minha paciência... Você é mandão.

Yakecan — Silêncio! Não está ouvindo?

Menina — Não, o quê?

Yakecan — Está tudo começando...
Vamos? Nós dois temos que correr!



(Música)

(Yakecan retira o celular da menina e começa a pintar o rosto dela)

Menina — Ei! Meu celular... Mas correr? Para onde?

Yakecan — Precisamos fazer o tempo voar...

Ouvir com o coração e não com os ouvidos.
Sentir com o coração e não com as mãos.
Ver com o coração e não com os olhos.
Falar com o coração e não com a boca.
Pensar com o coração e não com a razão.
E ser único como é tudo nesta Terra.

Poesia ancestral indígena





Cena 2

(Yakecan apanha um pedaço de barbante com o qual começa a brincar de Figuras com Barbantes, brincadeira parecida com a Cama de Gato, da etnia dos Kamayura)

Yakecan — (Montando a primeira posição do jogo, ele conta uma história)
No princípio, só existia Mavutsinim...

Menina — Ei... É a cama de gato! Esse jogo eu conheço.

Yakecan — (oferecendo a mão para que a menina jogue) E ninguém vivia com Mavutsinim... ele não tinha mulher, não tinha filho, nem pai, nem mãe, nem parente. Mavutsinim se sentia tão sozinho, ali, no meio dos peixes...

Menina — (aceita e joga) Ele morava no mar?

Yakecan — Não, ele vivia na floresta. Junto com as plantas e com os bichos. Mas se sentia tão sozinho... tão sozinho...

Menina — Coitado!

Yakecan — (seguindo com o jogo) Um dia, porém, para acabar com a sua solidão, decidiu transformar uma linda concha do mar em uma moça e, com ela, Mavutsinim se casou e teve um filho.

Menina — Ele teve um filho com uma concha?!

Yakecan — Sim. Os povos Camaiurá são descendentes desse filho. E foi assim que tudo começou.

Menina — Tudo?

Yakecan — Sim, sim. Olhe aqui, está vendo este desenho? (mostrando o trançado das figuras de barbante) É a linha do tempo. Onde nasceu o primeiro homem de todos os outros homens na face da Terra. O primeiro indígena de todos os outros.

Menina — O primeiro indígena de todos nasceu de uma concha?

Yakecan — Isso mesmo, e se você olhar no centro do desenho, vai ver o início de tudo...



(Som. Efeitos de luz)

Menina — Ei?! O que está acontecendo?

Yakecan — É o tempo que está voando. É preciso ir para onde tudo começou. Lá no tempo de Mavutsinim. É preciso ir para o início do jogo.

Menina — Mas eu estou ficando enjoada.

Yakecan — Segure firme o desenho em suas mãos, logo você achará que foi apenas um minuto que passou. Como em um sonho! Preparada?

Menina — Ei, para onde vamos? Como posso viajar com você se nem seu nome eu sei?

Yakecan — Meu nome é Kauan Yakecan. Mas pode me chamar de Yakecan.

Menina — Kauan Yakecan, eu sou Clarissa. E você pode me chamar de Clarissa mesmo.

(Luzes. O tempo passa)

Os dois — Ahhhhhh...

(Sons de floresta)

Clarissa — Já chegamos?
Oh, meu Deus! Eu sobrevivi?
Não estou enxergando nadinha...

Yakecan — (ri) Abra os olhos!





Clarissa — (olhando em volta, admirada) Uau!
Onde estamos?

Yakecan — No meio da terra da Grande Mãe, a floresta! A primeira floresta de todas as florestas. Olha, que beleza aquela árvore! Está vendo os galhos? E as folhinhas... olha como ela balança ao vento. Olha!

Clarissa — Ei, uma onça. Ali, olha! Nossa, como é forte!

Yakecan — Um macaquinho, está vendo? E se coçando...

Clarissa — Nossa, quantas árvores... São lindas...

Yakecan — Olha! Aquela grandona ali é um jequitibá! E aquela pequenina é um hibisco.

Clarissa — E aquilo ali, o que é?

Yakecan — São pássaros. Um tucano, deixa eu ver, um papagaio, um quero-quero, uma coruja... Está gostando? Aqui é a minha casa! Tereguahê porãke.

Clarissa — Sua casa é na floresta? Mas como é que você...

Yakecan — Venha até aqui...

(Fumaça)

(No palco, tudo é escuridão, apenas uma luz tênue sobre os amigos. Até a lua se apagou)

Clarissa — Es... está escuro... eu... dá um pouco de medo, sabe?

Yakecan — (começa a confeccionar uma peteca com palha de milho) É verdade que sua mãe não notaria? Ela não sentiria sua falta?

Clarissa — Não sei... na verdade... acho que não. Eles vivem tão ocupados que nem têm tempo de olhar direito para mim. Eles olham, sabe...

Yakecan — Olham, mas não veem.

Clarissa — É... Olham, mas não veem... Ei, o que é isso? Uma peteca?

Yakecan — Como você sabe?

Clarissa — Ora, quem não sabe o que é uma peteca? (pausa) Está mesmo escuro aqui, não?

Yakecan — (encostando o ouvido no chão) (som de coração) Eu sabia!

Clarissa — Sabia? O que foi? Estamos em perigo? Bem... Bem que eu não queria vir! Eu... Eu não gosto de escuro... Eu...

Yakecan — Como você fala! Consegue ficar quieta só por uns segundos? (ainda com o ouvido no chão) Eu sabia!

Clarissa — (sussurra) Mas sabia o quê?

Yakecan — (puxando-a para ouvir também — som de coração) Escutou?

Clarissa — É... É um coração batendo? É sim, é um coração... um coração... E como bate acelerado!



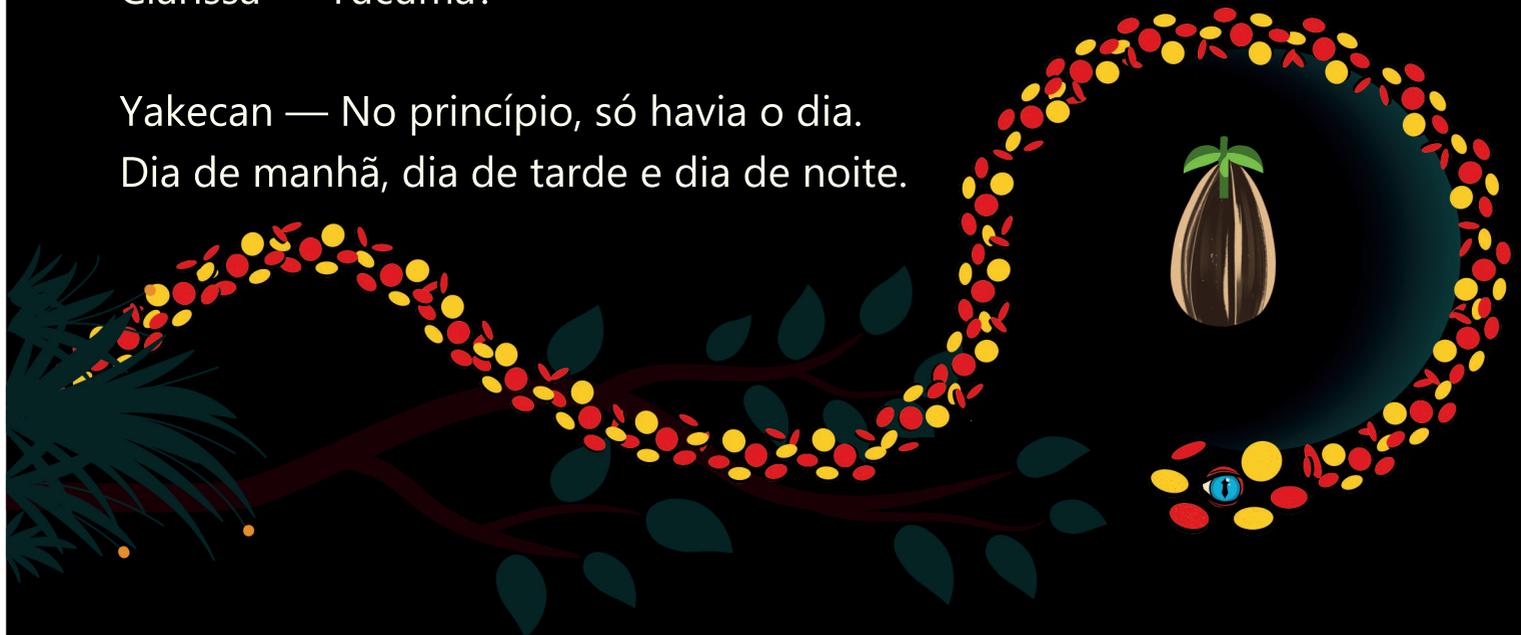
Yakecan — Não falei? Estamos no coração da Grande Mãe Natureza. Bem no meio dele.

Clarissa — Estamos... No meio... Dentro de um coração?

Yakecan — Dentro da semente do tucumã.

Clarissa — Tucumã?

Yakecan — No princípio, só havia o dia.
Dia de manhã, dia de tarde e dia de noite.



Clarissa — Como pode haver dia de noite? Se é noite, não é dia, e ponto!

Yakecan — Eu digo dia de noite, porque não havia noite. Era tudo uma claridade só. E os filhos de Mavutsinim sofriam muito com isso. Não conseguiam dormir com toda aquela claridade, com todo aquele sol e calor.

Clarissa — Ah... No meu caso, bem... Eu acho que eu até ia gostar, sabe? Porque eu não... Eu, não... Eu tenho medo do escuro, sabe?

Yakecan — Hummm... Mas sem noite, tudo sofria. Sofriam os rios, sofriam as plantas, sofriam os animais... Toda a Terra sofria com o calor...

Clarissa — Nossa... você aí falando em calor, e aqui está tão frio...

Yakecan — Nessa época, não havia noite e todos estavam cansados.
Até que um dia, um jovem guerreiro Tupi descobriu que a cobra-grande...

Clarissa — Cobra-grande?

Yakecan — Vai me dizer que também tem medo de cobra?

Clarissa — Na verdade, nunca vi uma cobra. Ao menos não pessoalmente.

Yakecan — A cobra-grande não é só uma cobra. É uma imensa cobra. Gigantesca! Maior que eu, maior que você.

Clarissa — Oh, sim, eu ficaria apavorada.

Yakecan — Bem, a cobra-grande tinha a noite, guardada só para ela, dentro da semente de um tucumã. Mas um corajoso guerreiro Tupi foi até ela e pediu por seu povo, tão cansado... A grande cobra teimou, não queria dividir a noite com ninguém! Mas o bravo guerreiro insistiu. Ele pediu e pediu...

Clarissa — E a cobrona? Entregou o caroço?

Yakecan — Oh, sim... Ela entregou o tucumã e disse: "bravo guerreiro, preste atenção! Quando abrir o coco de tucumã, tudo no mundo ficará diferente." De dentro do caroço saíram estranhas vozes... Sapos, grilos, corujas, os sons de todas as criaturas da noite.

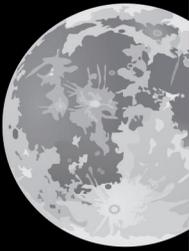
Clarissa — Apavorante...

Yakecan — Mas o destemido guerreiro Tupi não tinha medo de nada. Não tinha medo da noite, não tinha medo de sapo ou de grilo...

Clarissa — Ou de escuro?

Yakecan — Ele não tinha medo de nada neste mundo e, curioso, resolveu fazer o coco se abrir... Preparada para sair da semente?

(Yakecan joga a peteca para Menina) (Luz. É dia) (Música)



Cena 3

Clarissa — Tenho que dar o braço a torcer, Yakecan! O seu mundo é muito lindo e divertido!

Yakecan — Mas este não é o meu mundo...

Clarissa — Não?

Yakecan — Não, este é o nosso mundo! Kauan quer dizer águia, e Yakecan quer dizer o som do céu!

(Som de trovão)

Clarissa — Trovão!

Yakecan — É, parece que vai chover!

Clarissa — Não, o som do céu é o trovão!

(Novo trovão)

Yakecan — É, mais ou menos. E Clarissa, o que quer dizer?

Clarissa — Ora. Não sei...

Yakecan — De onde eu venho, todos os nomes têm um significado.

Irani quer dizer abelha, Luan, aquele que veio da Lua...



(Os trovões se intensificam) (A menina se assusta)

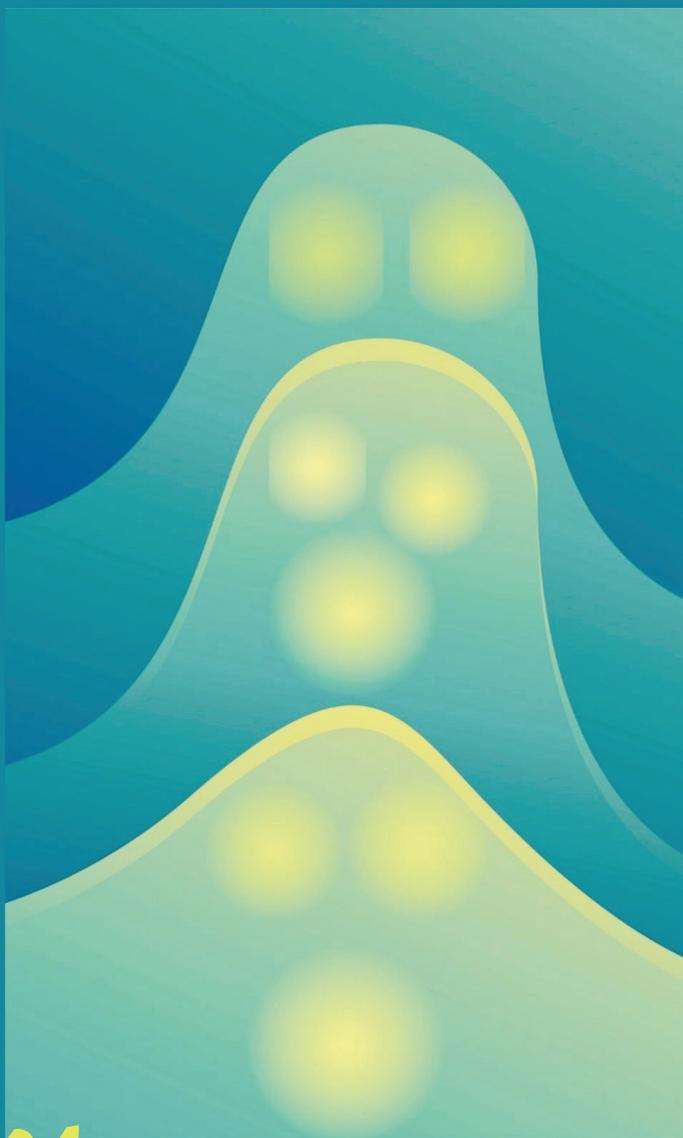
Yakecan — Não me diga que você também tem medo de trovão? Tem medo de ficar sozinha e de escuro, e de... trovão!

Clarissa — Ora, mas é claro que não!

Yakecan — Clarissa é um nome bem bonito... Já sei, vou lhe dar um nome indígena. Quer?

Clarissa — Mas eu já tenho um nome... Um nome bem bonito.

Yakecan — Mas esse será o seu nome indígena, um nome com significado. Primeiro, precisamos consultar os espíritos de nossos antepassados para saber o nome que devemos lhe dar.



Clarissa — An... antepassados? Você quer dizer fantasmas? Oh, essa não, agora complicou... Eu... Eu...

Yakecan — Não me diga! Eu até já sei. Você tem medo de fantasmas. Como uma menina que se veste toda com caveiras tem medo dos antepassados?

Clarissa — Bem, eu tenho, você não? E... Ah... (olhando para a própria roupa) isso? Isso não tem nada demais... É só que eu gosto de rock, sabe?

Yakecan — Bom, ao menos gosta de alguma coisa. Isso é engraçado!

Clarissa — É, de rock and roll!

Yakecan — Meu Tupã, você é cheia de novidades... Venha, sente-se aqui. (apanhando um graveto para fazer fogo) Ai poke Xondoro'í! Pedimos licença, pequenos guardiões!

Clarissa — (sussurra) Fantasmas? Pequenos?

Yakecan — Espíritos! (enquanto fala, Yakecan assopra a vareta, tentando fazer o fogo) Ai poke Xondoro'í! Pedimos licença, pequenas guardiãs!

Clarissa — O que você está fazendo? Por que está pedindo licença?

Yakecan — Estou acendendo o fogo sagrado...

Clarissa — Fogo? Que legal! Que radical! Posso fazer também? Até que não sou só eu que sou cheia de novidades. Isto aqui está ficando demais.

Yakecan — Queremos ver nossos ancestrais. Repita, vamos...

Clarissa — (sem jeito) Queremos... ver!

Yakecan — Ver nossos ancestrais! Repita!

Clarissa — Nossos ancestrais...

Yakecan — Agora segure isso...
Assim, assopre...



Clarissa — (assoprando) Assim? Minha nossa, vamos fazer fogo! Vamos fazer fogo!

Yakecan — Não, não... Você tem que assoprar forte. Muito, muito mais forte!

Clarissa — Mas eu estou assoprando forte.

Yakecan — Mais forte, vamos... Mais forte! Mais...

Clarissa — Ah, já estou até vermelha e suando! Estou até sem ar. Se quer mais forte, assopre você também. Um, dois, três e...

(Ambos sopram juntos e forte) (Música)

Yakecan — Conseguimos?

Clarissa — Conseguimos?

Yakecan — Conseguimos!

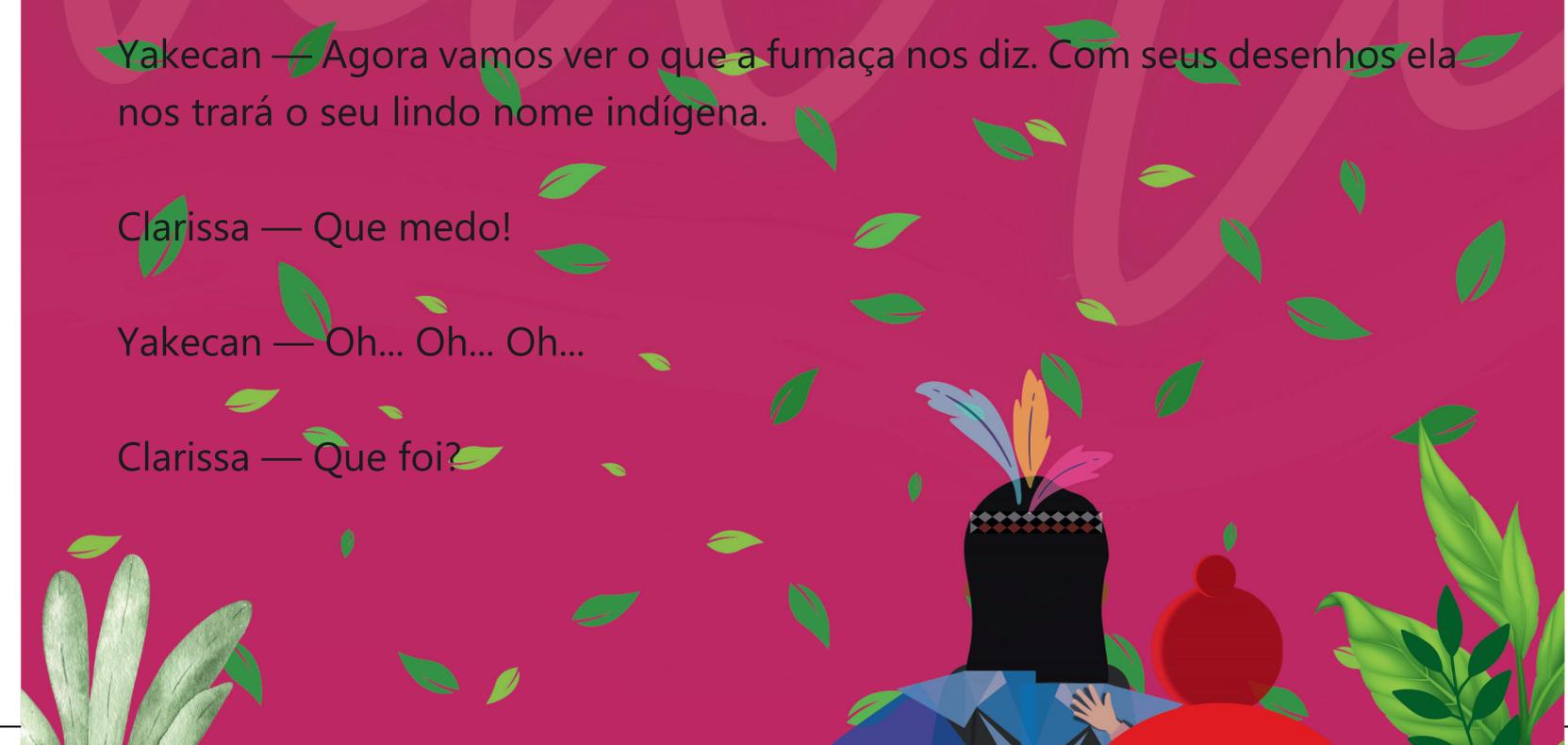
Clarissa — Conseguimos! Eu fiz fogo! Eu fiz... (olha para o amigo) nós fizemos!

Yakecan — Agora vamos ver o que a fumaça nos diz. Com seus desenhos ela nos trará o seu lindo nome indígena.

Clarissa — Que medo!

Yakecan — Oh... Oh... Oh...

Clarissa — Que foi?



Yakecan — Será um nome da linhagem Gê. E oh, oh... Oh... Oh...

Clarissa — E agora, o que foi? (Trovão) Ai, que susto!

Yakecan — Seu nome virá dos grandes povos dos Caminhos do Peabiru.

Clarissa — Pea...

Yakecan — Os grandes povos viajantes. Eles viajavam por todo sul da América a pé. Não tinham bússola ou mapas. Viajavam seguindo o brilho das estrelas... andavam por noites e noites. Caminhavam tanto, mas tanto, que formaram os caminhos do Peabiru com seus próprios pés...

Clarissa — Como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”?

Yakecan — Que estranho...

Clarissa — Olha, vamos parar com isso, tá! Po... pode ser perigoso! Pode ser... Eu... Eu... Ai, que raiva! Acabo gaguejando quando sinto medo... Que raiva, que raiva, que raiva! Eu gaguejo e todos riem de mim.

Yakecan — Oh, que lindo, que lindo, que lindo!

Clarissa — O que foi agora? Alguém já lhe disse? Você é hiperativo, sabia?

Yakecan — Temos que nos apressar, os antepassados já estão trazendo a...

(Trovão. A chuva cai)

Clarissa — Minha nossa, a chuva!

Yakecan — Não, a tempestade! Que estranho...

Clarissa — O que tem de estranho? Com tanto trovão, já não era tempo de cair a chuva?

Yakecan — Não... O estranho é o seu nome "Gê"!

Clarissa — E como é? Olha, não me venha de palhaçada. Eu sabia que tudo isso de nome na fumaça era tudo...

Yakecan — Que chuva!

Clarissa — Meu nome é "Que Chuva"!?

Yakecan — (ri) Claro que não!

Clarissa — O que é tão engraçado?

Yakecan — Seu nome deveria ser "aquela que não para de falar". Mas não! Nada disso!

Clarissa — Pode me dizer o que, afinal, é tão engraçado?

Yakecan — Seu nome indígena é Nayara Anamari.

Clarissa — Ana Maria?!

Yakecan — Não. Anamari. Que quer dizer "aquela que comanda a água da chuva". Nayara significa aquela que comanda e Anamari, água da chuva! Eu não entendo...

Clarissa — Olha, a chuva passou... E agora? O que é estranho? O que você não entende? Como eles viajavam seguindo estrelas? Como você descobriu meu nome indígena? Como?



Yakecan — Muitas perguntas!

Clarissa — Ora... e poucas respostas.

Yakecan — Agora temos que continuar com o grande jogo. Você quer aprender uma coisa?

(Yakecan pega um pedaço de papel e improvisa uma zarabatana).

Clarissa — O que é isso?

Yakecan — É uma zarabatana! Quem jogar mais longe o pedaço de papel...

Clarissa — Ganha?!

Yakecan — O importante não é ganhar... é celebrar.

Clarissa — Certo! O importante não é ganhar, mas aposto com você que eu vou jogar muito, muito mais longe.

Yakecan — E eu duvido.

(Os amigos lançam papeizinhos com a zarabatana)

(Nos papéis, estão escritas palavras em Tupi)

Clarissa — Ei, aqui tem uma inscrição... O que é?

Yakecan — (devolvendo o papel) Leia você!

Clarissa — Você não sabe ler?

Yakecan — (dando de ombros)
O que diz?



Clarissa — *Perudá*... O que é?

Yakecan — *Perudá* significa amor em Tupi Guarani...

Clarissa — Você não sabe ler, mas sabe de tantas coisas...

(Clarissa sopra mais um papel)

Clarissa — O que diz aí? (lê) *Ararama*.

Yakecan — *Ararama* quer dizer "a terra dos papagaios".

Clarissa — E por acaso isso existe? Por que você não sabe ler?

Yakecan — Agora eu! Você poderia, por favor, ler para mim?

Clarissa — *Uaná*.

Yakecan — *Uaná* quer dizer vaga-lume. De onde eu vim, tudo se aprende falando... Passamos os ensinamentos de pai para filho, de filho para neto, de neto para bisneto, de bisneto para trineto e para tataraneto... De tataraneto para tatara tataraneto.

Clarissa — E agora? (lê) *Thainá*. Essa eu sei! E isso eu acho mesmo muito lindo... *Thainá* é a primeira estrela da manhã. Aprendi na minha escola, Yakecan. Se você quiser, eu posso levar você lá e você...

Yakecan — (chama) Anamari!

Clarissa — Posso levar você e, se você quiser, você pode convidar toda a sua aldeia. Aldeia, é assim que se diz, não é? Ou é parente? Uma vez eu vi em um filme que os indígenas chamam uns aos outros de parentes e...



Yakecan — (grita) Anamari!

Clarissa — O que foi, por que está gritando desse jeito?

Yakecan — Você é Anamari. Agora é uma de nós, uma parente...

(Yakecan coloca um colar no pescoço da amiga. Na ponta, há uma flauta. Em seguida, ele estica uma corda por toda a extensão do palco) (A menina olha o colar sem perceber a flauta)

Clarissa — O que você está fazendo?

Yakecan — Fique aí e segure a ponta da corda!

Clarissa — Está bem, mas... O que você...

Yakecan — Estou marcando o caminho para você não se perder. A partir daqui você terá de viajar sozinha.

Clarissa — So... sozinha? Mas você quer dizer assim sozinha de...

Yakecan — Sozinha.

Clarissa — Mas... Não... Como vou saber voltar para casa? Como vou encontrar você de novo? Como vou saber de tantas coisas sobre a mata, e a natureza, e...

Você já sabe tudo
o que precisa saber!
Aqui, olha!
No coração.



Não, eu...



Yakecan — Segure firme! Está segurando?

Clarissa — Eu não largaria esta corda nem se você pedisse. Não largaria nenhuma, por nada nesse mundo!

(Yakecan puxa sua ponta da corda como em um cabo de guerra. A força entre ambos está equilibrada)

Clarissa — Eu quero é só ver você me convencer de largar essa corda e deixar você se afastar de mim. Oh, não, eu estava lá na minha casa, feliz e contente com meu celular... E aí você veio com essa história de jogo, de fantasmas...

Yakecan — Nada disso, você estava entediada!

Clarissa — Tudo bem, eu estava. Mas só um pouquinho. E isso não quer dizer que eu queria vir parar no meio do coração da floresta. (pausa) Não vá embora, Yakecan. E se eu me perder?

(Jogo: cabo de guerra, ou Huya'i, etnia Xokleng)

Clarissa — E, afinal, eu não sei se quero voltar para casa!

Yakecan — Acontece que amanhã é o seu aniversário.

(Yakecan solta a corda e a menina cai, sentada)

ՄԻԿՐՈՎԻՅԱ?



ՄԻԿՐՈՎԻՅԱ?

(Entra o Anhangá) (Clarissa volta tentando achar o caminho)

Clarissa — Quem está aí? Yakecan, é você? Pare de brincadeiras! Yakecan? Você cresceu... Não como um adulto, mas... Você está grande como um...

Anhangá — Nem tudo é o que parece... Nem tudo que parece é o que imaginamos ser.

Clarissa — O que é você? Ai, meu Deus... (chama) Yakecan! Socorro!

Anhangá — Parabéns! Você passou para a segunda fase.

Clarissa — (acalmando-se) Segunda fase?

Anhangá — Do jogo!

Clarissa — Ah, o grande jogo da vida...

Anhangá — *Mbaravija, mbaravija?* O que é, o que é? Dois vizinhos que moram juntos, mas nunca se veem?

Clarissa — Dois vizinhos? Moram juntos?

Anhangá — E nunca se veem! *Mbaravija, mbaravija?*

Clarissa — Estamos brincando de "O que é, o que é?" Quando eu era criança...

Anhangá — Você ainda é criança.

Clarissa — Mas é claro que não! Eu sou pré-adolescente. Eu já tenho... Oh, meu Deus, o meu aniversário! Tenho que ir, senhor...

Anhangá — Anhangá!

Clarissa — Mas onde será a saída?

Anhangá — A saída costuma ser perto da entrada. Mas esqueci onde é... Então você não brinca mais? *Mbaravija*? Não vai responder?

Clarissa — O quê?

Anhangá — O jogo! Nós, os indígenas, brincamos a vida toda. Crianças, adultos, anciãos e até os pré...

Clarissa — Adolescentes. (pensando) Hummm... O que é, o que é? Dois vizinhos... moram juntos e nunca se veem...

Anhangá — Esse enigma me intriga há séculos e séculos. Não consigo decifrar, passei cem anos sem dormir só pensando nisso.

Clarissa — Mas... são os olhos! Dois vizinhos, mas nunca se veem...

Anhangá — Ah, essa foi fácil!

Clarissa — Como, fácil? Você não disse que faz séculos que... ah, deixa para lá! E a saída, onde fica? Vai me ensinar o caminho de volta?

Anhangá — Não posso! Sou Anhangá, o grande espírito da floresta! Você agora é prisioneira de meus enigmas e artimanhas. Quem sou eu? Homem? Bicho? Bicho-homem? Espírito? Nem eu mesmo sei quem sou.

Clarissa — Isso também é uma adivinha?

Anhangá — Não. Mas se você acertar três vezes o jogo, eu ensino a você um pedaço do caminho. Mas aviso, desde já, que desta vez será difícilimo!

Clarissa — Nível de dificuldade máxima! Eu topo. Sou Nayara Anamari e sou ótima em adivinhações desde os meus tempos de Clarissa.

Anhangá — Então, lá vai a primeira: *Mbaravija*, *mbaravija*? Sem voz encanto quem me ouve... Tenho leito e não durmo... E, como o tempo, corro sempre.

Clarissa — Tenho leito e não durmo... Corro sempre... é o rio?

Anhangá — (contrariado) Sim, o rio!

Clarissa — O rio. Acertei! O rio corre como o tempo e encanta quem o ouve... Vamos. Um a zero. Por onde devo ir?

Anhangá — (pegando a ponta da corda que a menina recolheu) Mas eu já disse, você não prestou atenção? Ouvir com o coração...

Clarissa — E não com os olhos...

Anhangá — Deve ir pelo caminho do rio. Quando as águas estão mansas é tão fácil passar... Mas quando as águas estão agitadas... Precisa de alguém para ajudar. Pronta para o próximo desafio?

Clarissa — Pronta, oh, sim! Pronta, sim!

Anhangá — O que é, o que é? Adivinhe quem puder... Capim que não é capim! Vara que não é vara?

Clarissa — Não é vara? Não é capim?

Anhangá — Capim que não é capim, vara que não é vara?

Clarissa — O que é? Não é capim... Não é vara... capim... vara... Ah! Já sei. É óbvio! É a capivara. Capivara, aquele tipo de porquinho do mato, sabe? Mas... capivara? E o caminho?

Anhangá — Fácil, você deve descer o rio até chegar à Pedra da Capivara.

Clarissa — Desço o rio até a Pedra da Capivara? Como saberei que cheguei?

Anhangá — Ora, ora, quem muito quer saber, mexerico quer fazer... É preciso pensar com o coração.



Clarissa — E não com a razão...

Anhangá — *Mbaravija, mbaravija?* Quanto mais se tira, maior ele fica...

Clarissa — Maior fica? Quanto mais se tira? O que será? O que será? (pausa)
É o buraco! Quanto mais se tira, maior fica... Oh... terei de atravessar um buraco?

Anhangá — Meus ancestrais humanos vieram do céu por uma corda... Qual formigas viajando por um tronco, até chegar em um pequeno buraco.

Clarissa — (assustada) Mas... O que tem no buraco?

Anhangá — Ora, nada, no buraco não tem nada. Somente o Tatu primordial, o pai de todos os tatus!

Clarissa — Um tatu vai me levar para casa?

Anhangá — Não, as estrelas vão... As estrelas. E lembre-se: os mitos são os sonhos de um povo.

Clarissa — Ei! Eu não vou caber aí no buraco do tatu... É muito pequeno...



(A menina
entra no buraco)

Cena 5

(Escuro. Música. Flauta)

Clarissa — Está escuro aqui... E frio...

(Dentro da caverna, uma corda de luz é um chão de estrelas para a boneca-menina) (A menina agora é uma pequena boneca)

Boneca-Clarissa — Puxa... Onde estou?

Tatu — Onde estou? Onde estou? Quem sou eu? Quem é você?

Boneca-Clarissa — Nossa! Um tatu!

Tatu — Quem eu sou eu sei! Perguntei quem é você.

Boneca-Clarissa — Você fala? Um tatu gigante que fala!

Tatu — Mas é claro que eu falo, você não? E eu não sou gigante, você que é tão pequena...

(Boneca-Clarissa e Tatu estão sobre a corda de estrelas)

Boneca-Clarissa — Que bonitinho...





Boneca-Clarissa — (caminhando em direção ao Tatu) Quando o tio do Tatu tá e o Tatu não tá, é o mesmo que o Tatu tá.

Tatu — Ei, cuidado! Pisar em estrelas dói, sabia? Elas são pontudas... Ei, você conhece o meu tio?

Boneca-Clarissa — (ri) Claro que não! Isso é um trava-línguas. Onde estamos? Fiquei pequena quando entrei naquele buraco.

Tatu — Quando o Tatu tá, o tio do Tatu não tá... E, por isso, não poderemos perguntar a ele onde estamos.

Boneca-Clarissa — (pulando) Você é engraçado!

Tatu — Ei, já falei para você ir com calma. Isso dói... Ui, ai, ui...

Boneca-Clarissa — Eu entrei por aquele buraco, sabe... Estou tentando voltar para casa.

Tatu — Mas já? Ainda é tão cedo. Estamos no início do caminho. Ei, eles disseram que meu mundo está morrendo... Mas eu acho que não! Eu acho que está só se transformando... O caminho é muito longo.

Boneca-Clarissa — Também dizem isso do meu mundo. Dizem que está morrendo, que a água do mundo está acabando, e que os sacos plásticos vão invadir o planeta.

Tatu — O problema é que poucas crianças vêm aqui... Crianças, para que possam se lembrar, sabe? O pior de todos os problemas não são os sacos e tudo o mais. O que são sacos?

Boneca-Clarissa — Ah, deixa para lá, acho que você não iria entender mesmo. Qual é, afinal, o grande problema?

Tatu — Ei, você sabe brincar de amarelona?

Boneca-Clarissa — Amarelona?

Tatu — (interrompendo) De gavião?

Boneca-Clarissa — Não!

Tatu — De perna de pau?

Boneca-Clarissa — (faz que não) hum, hum...

Tatu — Jogo do cachorro, da onça, do pacu, rockã, bilboquê, *tidynure*, corrida do saci?

Boneca-Clarissa — Bilboquê, eu já ouvi falar...

Tatu — Ei, você está vendo?

Boneca-Clarissa — Não. O quê?

Tatu — Esse é o grande problema. Está acabando a memória do mundo. A memória das brincadeiras. Por isso trouxemos você até aqui. Ei, cuidado, menina, olhe por onde anda. No Caminho do Peabiru há vários precipícios.

Boneca-Clarissa — Estamos no Caminho do Peabiru?

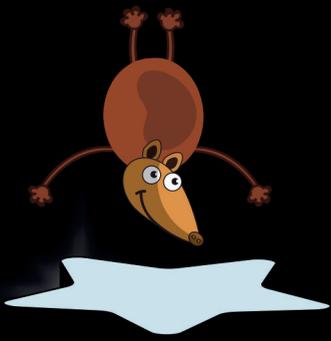
Tatu — Em algum lugar, entre o fim e o começo, deve ficar a sua casa.

Boneca-Clarissa — Sabe, fico deitada à noite, olhando as estrelas...

(Pausa) (Os dois caminham um pouco) (Música)

Boneca-Clarissa — (súbito) O que é amarelona?





Tatu — Ei, isso é fácil! Você só precisa pular em um pé só, depois pular com os dois, depois plantando bananeira, bananeira com uma mão só...

Boneca-Clarissa — Nossa, parece tão divertido!!! Eu... Vamos brincar? Mas... Por acaso tatu tem mão? Vamos brincar...

(Flauta indígena) (Os amigos brincam desafiando-se um ao outro)

Tatu — Vamos! Ei, Olha! Em um pé só.

Boneca-Clarissa — E eu, na pontinha dos pés. Como bailarina...

Tatu — Os tatus não têm mãos, mas têm cauda. (apoia-se na cauda) E sabemos rolar.... (rola como uma bola pela corda de estrelas)

Boneca-Clarissa — E nós, as meninas, sabemos dar estrelas!

(Enquanto brincam, eles vão percorrendo todo o caminho)

Tatu — Ei, salto mortal na beira do precipício... (cai, fica pendurado pelo rabo e volta) Ui!

Ambos — Pisar em estrelas dói. (riem)

(Os dois chegam ao fim do caminho, um ponto bem alto da jornada, com uma descida logo a seguir. O único jeito de terminar é escorregar declive abaixo e mais uma vez penetrar no desconhecido) (Tatu e menina se olham)

Boneca-Clarissa — E agora?

Tatu — E agora o quê? Agora é o desconhecido.

Boneca-Clarissa — Mas eu tenho medo...

Tatu — E de quê? Não é o tempo, afinal, o tempo todo um desconhecido? O que será de mim, amanhã? E de você? O que acontece no próximo minuto? Vai chover? Vai fazer sol? O que há depois deste caminho?



Boneca-Clarissa — Eu vou me lembrar para sempre, Tatu... Da brincadeira, sabe? Pena que teu tio não tá!

(A menina vira-se, vai descer pelo precipício)

Tatu — Ei, espera! Toque a flauta, só para garantir... (A menina se volta, confusa) Vamos, toque a flauta!

Boneca-Clarissa — Flauta?

Tatu — E isso em seu pescoço, o que é?

Boneca-Clarissa — (percebendo) Uma flauta...

Tatu — Pena mesmo é que minha tia não tá! A *Cunhã Mimby Pu* é especialidade das meninas...

Boneca-Clarissa — Um amigo a deu para mim. Mas já faz tanto tempo...

Tatu — Ou será que foi ontem? Quanto tempo se passou? Um ano? Um mês? Um minuto, talvez. Toque a *Cunhã Mimby pu*... Será como ouvir o canto dos passarinhos... E disso, a gente não se esquece nunca.

(Menina toca a flauta e escorrega pelo precipício)

Tatu — Agora sim... Eu tenho certeza que...

(Apenas a corda , caminho do Peabiru, está acesa)

Tatu — (no escuro) Ela não se esquecerá!



Cena 6

(A luz volta) (Clarissa está em seu quarto) (Yakecan é um boneco, dentro da caixa, como no início da peça) (De dentro da caixa escapam sons)

Clarissa — Kauan Yakecan?

(A menina corre para abrir a caixa)

Yakecan — Pensei que nunca mais fosse sair...

Boneca-Clarissa — Yakecan... Como é bom ver você! Voltei sozinha do coração da floresta. Eu não tive medo! Nem do Anhangá, nem do precipício, ou do Tatu primordial. Eu atravessei sozinha o caminho do Peabiru. Sozinha! Sou Anamari, lembra?

Yakecan — Ora, quem teria medo de um tatu? Estive com você o tempo todo, Anamari. Mas a partir de amanhã, tudo será diferente... (devolve o celular à menina) Amanhã você terá 13 anos e não terá mais tempo para as coisas de criança.

Clarissa — Amanhã serei como sou hoje. Uma criança um pouco maior, mas ainda assim uma criança. E saberei guardar as brincadeiras com tanto carinho que vou ensinar um dia a meus filhos, e aos filhos de meus filhos, e depois aos filhos dos filhos de meus filhos...

Yakecan — E aos filhos dos filhos dos filhos de seus filhos.

Clarissa — Nesse dia, já serei um antepassado. (tempo) Só não entendi uma coisa, Yakecan... Se este mundo é todo meu, ele é seu e nosso, ele...

Yakecan — Também é das plantas, dos animais, dos minerais.

Clarissa — Você já disse isso, mas... Este mundo, ele... É então também das baratas?

Yakecan — (pensa) Puxa... É, acho que sim!

Clarissa — Eca!!!

Yakecan — Ah, não me diga, você tem medo de baratas!

Menina — Não... Só nojo.

(O despertador do celular toca)

Menina — É meia-noite.

Yakecan — Feliz aniversário, Clarissa!

Clarissa — Nayara Anamari.

(Yakecan entrega à Clarissa uma dobradura feita com folha de bananeira. É uma estrela)

Yakecan — Isso é para você, olha. Pendure ali, na lua da noite de seu quarto. Assim, você nunca se esquecerá de seu velho boneco indígena de pano... E vê se você me guarda em seu coração, viu?

(A menina pendura a estrela na luminária em formato de lua)

(A estrela brilha)

Clarissa — (voltando-se) Ficou lindo, Yakecan...

(Yakecan já não passa de um boneco de pano, mas isso não faz mais diferença)



Voz Yakecan — Para você nunca se esquecer da brincadeira!

(Música) (Escuro – somente a lua e a estrela iluminam a cena)

Voz Avó — E foi então que eu descobri, pequeno neto, que eu era Clarissa, mas também era Nayara Anamari. Eu podia ser qualquer coisa que eu quisesse. Entendi que brincar não é privilégio somente de crianças... E que, dentro de nós, trazemos um pouco de todos os antepassados: indígenas, negros, brancos, amarelos. Todos somos um só, ou uma só! Tudo isso eu aprendi com o meu velho indígena de pano.

Voz Neto — Vamos brincar de pular rio, grande avó?

Voz Avó — Vamos, mas você não vai jogar só comigo, pequeno neto.

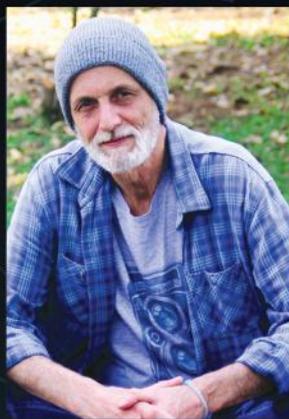
Voz Neto — Não? E com quem será, grande avó? Com quem jogarei o jogo de pular rio?

Voz Avó — Com os grandes pais e pequenas crianças, do outro lado da história... E lembre-se: o importante é celebrar!!!

(Música)
(A luz cai lentamente)



Paula Giannini transita em vários universos: infantil, adulto, prosa, dramaturgia. Seus textos infantis ecoam nos palcos e nos livros. *Se essa rua fosse minha – livro de brincar* (Ed. Bambolê) mereceu prêmios como o Valores do Brasil, Culturas Populares e Pontinhos de Cultura, e está presente em 50 mil bibliotecas de escolas brasileiras, além de ter representado o Brasil na maior feira literária infantojuvenil no mundo, o Catálogo de Bolonha. É autora de *Uma estrela me contou... História da arte para crianças* (Ed. Bambolê), *Pra você não esquecer* e *Zumi Barreshti* (Ed. Palco das Letras), entre dezenas de outras histórias para crianças de todas as idades.



Surian Barone, nascido em Curitiba em 16 de janeiro de 1966, é diretor teatral, ator, professor de iniciação teatral e artista visual. Trabalhou durante onze anos na área da saúde como arte-educador, e desenvolveu projetos de inclusão artística visando o bem-estar de crianças, adolescentes e adultos. Atualmente atua como profissional liberal em diversas áreas artísticas.

O texto deste livro respeita o acordo ortográfico da língua portuguesa, vigente no Brasil desde 10 de janeiro de 2009

Uma obra que consegue unir toda a família em torno dos jogos e desafios. Além disso, descoloniza não apenas nossos olhares sobre a cultura indígena, mas também nossos pensamentos e palavras do dia a dia. Sobretudo, transforma a maneira como entendemos um ritual fundamental para o desenvolvimento das crianças e a manutenção do bem-estar dos adultos: o brincar.

Thiery Maciel

Pesquisador e artista indígena batizado no território de Tenondé Porã



Realizado através do incentivo do Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, o Governo Federal, o Ministério da Cultura e a Lei Paulo Gustavo